

4

A METÁFORA NO TEXTO AGOSTINIANO

4.1. Paralelos Medievais

A filosofia medieval deu ensejo a um amplo desenvolvimento das reflexões, tendo como uma de suas preocupações fundamentais a busca pela harmonização entre as esferas da razão e da fé – a conciliação entre o legado da filosofia clássica e a revelação cristã. Desse período, como se sabe, são grandes expoentes Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Nesse contexto, o pensamento de Agostinho, mais conservador, defende a subordinação da razão à fé, por manter a crença de que somente a fé pode restaurar a condição decadente da razão humana. Para esse filósofo, a razão serve para auxiliar a fé, na medida em que pode esclarecer e tornar inteligíveis as nossas intuições que são frutos da essência divina que a nossa natureza comporta. Nessa tentativa de subordinar a razão à fé, Agostinho segue estabelecendo paralelos entre as idéias platônicas (de essência, mundo transcendental) e as escrituras sagradas. Daí o fato de alguns comentadores afirmarem ter esse filósofo “cristianizado” Platão.

Tomás de Aquino adota uma postura menos extensiva. Por força de uma inovação do aristotelismo, propõe que nada chega ao intelecto sem antes ter passado pelos sentidos e segue na defesa de uma certa autonomia da razão na obtenção de respostas sem, contudo, negar a subordinação da razão à fé. Para Aquino, o conhecimento supõe sim o auxílio divino, mas há muitas coisas que os homens são capazes de conhecer autonomamente.

Feita essa breve explanação sobre o posicionamento de cada um desses representantes no que respeita à questão central da filosofia escolástica, cumpre mostrar como a questão da linguagem entra nesse contexto, sobretudo no que tange à metáfora e sua relevância para a proposta desta pesquisa.

Agostinho escreve em um tempo em que o cristianismo estava começando a se estabelecer e ainda não havia um consenso sobre um texto fixo das escrituras sagradas; havia textos dispersos que incluíam narrativas contraditórias. Nesse panorama de uma gradual constituição do pensamento cristão, a interpretação da

Escritura é uma questão de primordial importância, já que abarca todo o complexo da interconexão Deus-homem-mundo.

Assim, Agostinho vê a necessidade de fixar a interpretação das escrituras para impedir a fragmentação em seitas. Desenvolve, então, um método (que será exposto adiante) para que se pudessem entender as passagens obscuras e difíceis contidas nos vários textos com mecanismos capazes de limitar o significado dos textos sagrados em interpretações autorizadas.

A metáfora na filosofia escolástica traz, nas vozes de Agostinho e Tomás de Aquino, dois vetores de preocupações discerníveis: como impedir a deriva interpretativa e como falar de Deus com a linguagem dos homens.

4.2. A metáfora em *De Doctrina Christiana*, o manual exegetico, e na Trindade

Da vasta produção literária de Santo Agostinho, *De Doctrina Christiana* [Sobre a Doutrina Cristã], texto central da estética e da filosofia medieval, é a base documental sobre a qual repousa a maior parte das considerações desse filósofo no que respeita à metáfora. Nela Agostinho faz uma avaliação dos signos mais positiva do que aquela que encontramos em *De Magistro*, onde nega qualquer possibilidade de ensinamento por meio dos signos e os analisa enquanto portadores do valor da revelação bíblica. (Horn, 2006, p. 15).

Autêntica introdução à interpretação bíblica, *De Doctrina Christiana*⁹ é um verdadeiro tratado de hermenêutica, composto por quatro livros, dos quais todo o II é dedicado ao estudo dos signos. Tal obra revela um Agostinho preocupado com assuntos literários modernos: como os leitores constroem o sentido dos textos e como se validam as interpretações.

Tal obra mostra, ainda, a importância que esse filósofo dá ao cultivo da intelectualidade para uma “ascensão” filosófico-religiosa que possa lidar com a complexa Escritura Sagrada, base para quem busca o conhecimento teológico.

⁹ Com respeito ao tratamento desta obra como um tratado de Semiótica, António Fidalgo, em seu Artigo “Semiótica e comunicação” (1999:27), mostra o caráter subjacente dessa questão: “Santo Agostinho acaba a fazer semiótica por vias de suas preocupações teológicas”.-

A Trindade, por sua vez, embora não mantenha como preocupação principal especificamente a exegese bíblica, também trata dos problemas concernentes à atribuição de significado nas Escrituras Sagradas, sendo igualmente importante para os nossos propósitos, porque nela podemos capturar o embrião da visão de metáfora no pensamento de Santo Agostinho, sobretudo quando ele busca estabelecer uma diferenciação entre alegoria e enigma, como mostra a citação abaixo:

Por isso, alguns de nossos intérpretes, evitando o vocábulo grego, traduziram a sentença do apóstolo: isto está dito em alegoria (Gl 4, 24). E recorrendo a uma paráfrase, traduziram: “É o que se quer dizer de uma coisa servindo-se de outra”. Ora, são muitas as espécies de tropos ou alegorias, entre as quais figuram os enigmas.

Como toda definição, a de tropo deve indicar o gênero comum e a diferença específica. Assim, por exemplo, como todo cavalo é animal, e nem todo animal é cavalo, também todo enigma é um tropo, mas nem todo tropo é um enigma. (Christoph Horn, 2006, p.15)

A fim de clarificar o modo como se percebe a diferença entre enigma e alegoria, Agostinho nos dá como exemplo uma passagem da Carta de Paulo aos Tessalonicenses, cujo conteúdo é o seguinte:

*Portanto, não durmamos, a exemplo dos outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Quem dorme, dorme de noite; quem se embriaga, embriaga-se de noite. Nós, pelo contrário, que somos de dia, sejamos sóbrios (I Ts 5, 6-8)*¹⁰

O autor reforça e esclarece a diferença:

Mas essa alegoria não é um enigma, pois seu sentido é facilmente compreensível, a não ser para aqueles de difícil compreensão. O enigma, porém, é uma breve alegoria de sentido obscuro, como por exemplo: a sanguessuga tinha três filhas (Provérbios 30, 15), e outras expressões semelhantes. Mas onde o Apóstolo fala em alegoria, baseia-se não em palavras, mas em fatos, como quando indicou o sentido dos dois Testamentos a partir dos dois filhos de Abraão: um da escrava, o outro da livre. Isso não é só questão de palavras, mas de fatos. Antes dessa explicação o sentido era obscuro, o que leva a concluir que esse gênero de alegoria poderá ser traduzido também pelo termo específico de enigma.¹¹

¹⁰ Apud *A Trindade*, XV, 9,16

¹¹ *A Trindade*, XV, 9,16

Estabelecida essa cautelosa diferenciação por Agostinho, temos elementos para inferir o conceito de *alegoria* como um uso figurativo da linguagem, de cunho pedagógico, baseado numa realidade concreta (e por isso de mais fácil interpretação). O *enigma* (metáfora), por sua vez, se dá quando esse uso figurativo da linguagem é, especificamente, carregado de uma obscuridade que faz com que o sentido não seja tão facilmente depreendido. Ou seja, o “enigma” demanda maior esforço interpretativo:

(...) Pelo que, na minha opinião, assim como pelo termo “espelho”, ele quis significar a imagem, assim, pelo termo “enigma”, expressou certa semelhança, embora obscura e de difícil percepção (...) ¹²

Cumpramos observar que neste particular Agostinho mantém ao mesmo tempo distanciamento e convergência com a idéia de metáfora que encontramos em Locke.

Converge quanto ao considerá-la uma linguagem que obscurece o sentido, o que indica, obviamente, a existência de um sentido não-obscurecido, literal e, portanto, torna transparente a crença na metáfora como artefato fundado por nós para incidir sobre a linguagem objetivando um determinado efeito.

Distancia-se, entretanto, no que concerne à hostilidade ao uso metafórico mantida por Locke que, por conta de seu ousado investimento numa autodisciplina retórica, considerou a metáfora como um abuso, um uso não ético que fazemos da linguagem. Como mostra o trecho de *A Trindade*, destacado abaixo, em Agostinho é a metáfora, mesmo com sua obscuridade, o meio que torna possível conhecer Deus:

Mas como pelos termos: espelho e enigma, o mesmo Apóstolo quis dar a entender certas semelhanças adequadas a certa compreensão de Deus na medida do possível (...) ¹³

¹² *A Trindade*, XV, 9,16

¹³ *A Trindade*, XV, 9,16

Revelando um espírito ainda imbuído da crença no representacionismo mentalista aristotélico, em *A Doutrina Cristã*, Agostinho faz uma subdivisão dos signos convencionais – que servem para as criaturas mostrarem umas às outras a manifestação de suas sensações e pensamentos – que é de nosso inteiro interesse.

Como vimos, Agostinho os subdivide em signos literais (*signa propria*) e figurativos ou metafóricos (*signa translata*). Os literais são os que designam coisas para as quais foram instituídos; são os de uso corrente:

São chamados próprios quando empregados para designar os objetos para os quais eles foram convencionados. Por exemplo, dizemos: *boi*, e relacionamos com o animal que todos os homens de língua portuguesa denominam por esse nome. (p. 106)

Já os figurativos são aqueles cujo uso capitaliza em torno do literal, tomando “emprestada” a sua significação para aplicá-la em uma esfera semântica diferente daquela de uso corrente:

Os signos são figurados ou metafóricos quando as mesmas coisas, que denominamos com seu termo próprio são tomadas para significar algo diferente. Por exemplo, dizemos: *boi* e por essa palavra entenderemos o animal que se costuma chamar por esse nome e, além disso, entenderemos que se alude ao pregador do evangelho, conforme deu a Escritura na interpretação do Apóstolo, que disse: “Não amordaçarás o boi que tritura o grão”. (I Cor 9,9) (p. 106)

Nessa última passagem de *Doctrina Christiana*, corroborando o alinhamento da visão agostiniana com a opção tradicional, vislumbramos no pensamento de Santo Agostinho uma concepção de metáfora que está em perfeita harmonia com aquela que encontramos na *Poética* de Aristóteles, de metáfora como transporte, transferência, empréstimo de significado: “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra (...)” (Cap.XXI).

Veremos, no entanto, que essa adesão à opção tradicional não é de todo completa. Conforme a proposta anunciada na Introdução, examinemos mais de perto o que se pode depreender no texto agostiniano do *alcance*, dos *efeitos* e dos *procedimentos* associados à metáfora. O capítulo seguinte se ocupará desta ambiciosa tarefa.